

PERNAMBUCO E ANGOLA

Parece que nenhuma região do ultramar português manteve relações mais frequentes com Pernambuco do que o "Reino de Angola", hoje a próspera Província de Angola. Situada quase em frente a Pernambuco, do outro lado do Atlântico, as duas regiões deveriam conservar hoje, com vantagens mútuas, a aproximação que antigamente existiu entre elas, como dependências da monarquia lusitana. Refiro-me particularmente à aproximação pelo conhecimento das publicações entre as instituições do Recife e de Luanda. Tanto ali quanto aqui é grande o interesse pelo conhecimento das publicações angolanas e brasileiras e a remessa regular (como faz, das suas, o Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais) dos periódicos aqui editados (as Revistas do Instituto Arqueológico e do Arquivo Público, os Boletins da Secretaria de Viação e Obras Públicas e da Secretaria da Agricultura, as publicações da CODEPE, etc) concorreria muito para mantê-lo, ao mesmo tempo que divulgaria aqui, pela permuta, os estudos, alguns notáveis, que ali se têm feito.

No setor da história, pode-se apontar os *Arquivos de Angola* editados pelo Museu de Angola e organizados pelo dr. Carlos Dias Coimbra. O Museu não publica apenas os *Arquivos*, mas conta já na sua lista de edições alguns estudos importantes acerca de monumentos religiosos e militares de Angola (como *A arquitetura tradicional de Luanda*, a *Igreja de Nossa Senhora do Pópulo* e *A Urbanização de Angola* escritos pelo arquiteto Fernando Batalha, a *Igreja de Nossa Senhora do Carmo* pelo Mons. dr. Alves da Cunha, *Três Fortalezas de Luanda*, por Francisco Xavier Lopes e alguns mais) e de aspectos da sua história (*A batalha de Ambuíla* pelo capitão Gastão de Sousa Dias, *São Paulo da Assunção de Luanda*, *Luanda Antiga*, *Subsídios para a História de Luanda*, todos de Manuel da Costa Lobo Cardoso), catálogos de exposições históricas e de artes, etc.

Arquivos de Angola, com onze volumes publicados, desde 1943, contém uma série de artigos e de documentos, cujo conhecimento o estudante da história de Pernambuco não pode dispensar (a biblioteca do Instituto Joaquim Nabuco possui uma coleção). Se recordarmos que desde o século XVI e até muito depois da Independência do Brasil, Pernambuco e Angola mantiveram comunicações regulares e que os seus interesses econômicos estavam estreitamente ligados, compreender-se-á a razão desta afirmativa.

Pernambuco e Angola começam por estar ligados num importantíssimo estudo econômico concluído em 1592, escrito pelo licenciado Domingos de Abreu e Brito e intitulado "Sumário e Descrição do Reino de Angola e do descobrimento da Ilha de Luanda e da Grandeza das Capitãncias do Estado do Brasil", editado em 1931 por Alfredo de Albuquerque Felner; e parece que o último momento dessa aproximação tricentenária, que agora nos cabe reatar, ocorreu no século XIX, em 1849 e 1850, quando portugueses de Pernambuco emigraram daqui para fundar ali a colônia de Moçâmedes. Entre 1592 e 1850, muitos outros momentos houve em que as cidades de Santo Antônio do Recife e São Paulo de Luanda se entenderam bem. E nem tem faltado uma tal ou qual disputa entre elas, acerca de uma figura notável de guerreiro negro, Henrique Dias, cujo local de nascimento tem sido apontado por alguns autores (aliás erroneamente) como sendo Angola e não Pernambuco (onde, na verdade nasceu).

Do Recife partiu em 1641 a. esquadra holandesa que se apossou de Luanda e iniciou a fase do domínio flamengo de Angola, cujo governo, embora independente do de Maurício de Nassau, era com Pernambuco que entretinha correspondência constante e dele dependia para abastecimento; ao Recife é que vieram ter, em 1643, os prisioneiros portugueses tomados pelos

holandeses no ataque ao Arraial do Gango. De Pernambuco foram governar o Reino de Angola, depois de restaurada a soberania portuguesa, João Fernandes Vieira (1658-61) e André Vidal de Negreiros (1661-66), levando ambos consigo soldados veteranos das batalhas dos Guararapes.

André Vidal levantou em 1664 em Luanda a Ermida de Nossa Senhora de Nazaré, ao que se presume "em cumprimento dum voto à Virgem feito possivelmente durante um temporal ocorrido na sua viagem para Angola", pois nela se acha um painel de azulejo representando um navio prestes a naufragar; é aí que se conserva o outro célebre painel, também de azulejos, figurando a batalha de Ambuíla (29.X.1665) na qual forças portuguesas e nativas, durante o governo de Vidal, venceram as tropas muito superiores em efetivos do Rei do Congo, D. Antônio Manimulaza (morto em combate e cuja cabeça foi solenemente depositada na própria Ermida). Ainda durante os séculos XVIII e XIX (na primeira metade deste último) as ligações Pernambuco Angola foram constantes, sobretudo como resultado do tráfico de escravos e do abastecimento de gêneros secos e molhados que era feito do Recife para Luanda, como demonstram a correspondência do período 1687-1724, do mascate Luís Cardoso e a compilação das leis e de informações várias mandada fazer por volta de 1749, pelo governador de Pernambuco D. Marcos de Noronha, Conde de Arcos.

A história da emigração para Angola de grande número de portugueses residentes em Pernambuco, em 1849 e 1850, ainda não está conhecida com pormenores, embora existam alguns trabalhos a respeito. O episódio está ligado à campanha anti-lusitana que precedeu a Rebelião Praieira. A campanha não limitou-se, como é sabido, a violentos artigos de jornal, mas foi até à agressão física e ao assassinio de portugueses. Em 13 de julho de 1848, um dos portugueses fixados em Pernambuco, Bernardino Freire de Figueiredo Abreu e Castro, dirigiu um memorial ao governo de Portugal descrevendo a situação dos seus compatriotas aqui e informando que muitos deles estavam interessados em transferir-se para outro sítio, onde fundassem uma colônia.

Era então ministro do Ultramar o historiador Simão José da Luz Soriano que se interessou em atender o pedido, indicando a região de Moçâmedes, no Sul de Angola, como local para se fixarem. De Portugal foram mandados, para garantir os portugueses do Recife, dois brigues de guerra, *Douro* e *Vila Flor*, e instruções para facilitar a transferência e o estabelecimento dos emigrantes naquele lugar.

O *Diário de Pernambuco* de 31 de janeiro de 1849 publicou um edital, datado de 29, pelo qual o Cônsul de Portugal, Joaquim Batista Moreira, como presidente de uma comissão especial (criada no Recife em 26.XII.1848 e composta de B. F. F. de Abreu e Castro, Ângelo Francisco Carneiro, Bernardo de Oliveira Melo e Miguel José Alves, secretário), comunicava que o governo concedia as seguintes facilidades a todos os que se quisessem transferir para a África: passagem e sustento à custa do Estado, inclusive às famílias; transporte para móveis e objetos pessoais; "instrumentos artísticos ou agrícolas e de quaisquer sementes"; terrenos na colônia a ser fundada e uma mensalidade durante os 6 primeiros meses após a chegada ali. Pouco depois foi nomeado (19.IV.1849) em Portugal o Capitão de fragata Antônio Sérgio de Sousa (depois Visconde de Sérgio de Sousa, avô do ilustre escritor Antônio Sérgio), governador da Colônia a ser estabelecida em Moçâmedes.

Aqueles dois brigues portugueses prestaram inúmeros serviços durante o ataque ao Recife pelas forças do Praieiro (2.II.1849), recolhendo a bordo, os seus oficiais, sem distinção de nacionalidade, muitas pessoas que e tão surpreendidas de susto e de terror buscavam auxiliar-se ali, ou na sua aflição iam, inda que a seu pesar, precipitar-se nas ondas que banham as praias e cais desta cidade", diz um agradecimento de J. A. S., no *Diário* de 10.II, seguido de vários outros,

no mesmo jornal de 15 e 16.II.1849. Do brigue "Douro", conserva-se o "livro de quarto" referente a 1848-49, no *Arquivo Histórico Ultramarino* de Lisboa, Arquivo de navios, códice 1.192, que não me consta tenha sido aproveitado, como aliás muitos outros documentos a respeito, existentes naquele Arquivo.

O ataque ao Recife apressou a partida dos emigrantes. No *Diário de Pernambuco* de 27.II.1849 começaram a aparecer notícias de pessoas que partiam (exigência da Polícia para permissão de embarque). No *Diário* de 27 são 7 os nomes; no de 19.III são 10; no de 2.IV são 22; no de 12.IV são 23 e no de 4 são 16. No dia 15 de maio apareceu o de Abreu e Castro: "Retira-se para Moçâmedes o cidadão português Bernardino Freire de Figueiredo Abreu e Castro, levando em sua companhia 3 criados. Qualquer conta que deva na praça pode ser apresentada no seu escritório da rua da Cadeia Velha n. 3... e aqueles que lhe devem contas, mesmo ainda do tempo que dirigiu o colégio Santo Antônio, querendo pagá-las, ali podem dirigir-se".

Fonte: MELLO, José Antonio Gonsalves de. **Diário de Pernambuco**. Recife, 15 abr., 1956.